

Título: Juventude negra carioca: vivências de dor e amor comunitário

Autora: Karoline Baptista Peres

Introdução

Este texto trata-se de um fragmento das minhas andanças como psicóloga do Projeto Pacto Pela Juventude (PPJ), da Secretaria Especial da Juventude Carioca, e como pesquisadora do Kitembo (Laboratório de Estudos da Subjetividade Cultura Afro-Indígena-Brasileira). Ambos os trabalhos possuem um objetivo comum: acompanhar as vivências de dor e amor — experimentadas através da intimidade e espiritualidade — de jovens negros e negras moradores de favelas de Jacarepaguá. Que experiências são tecidas nos territórios que habitam? Que desafios, sentimentos e possibilidades são vividos no cotidiano comunitário? Que vivências de dor e amor são experimentadas por esses jovens?

Como pesquisadora, afirmo que este texto é uma escrevivência. Por isso, é um território povoado por minha história. “A escrita foi feita com os meus rastros, marcas feitas no meu corpo. Colocar minha vida aqui, dessa forma, significa pensar a pesquisa como um campo não neutro, tocado por vários componentes interventores” (OLIVEIRA et al., 2019 apud PERES, 2022, p. 15). Na escrevivência, a centralidade das produções é o racismo e a necessidade de expurgar a dor causada por ele (FELISBERTO, 2020). Só a escrevivência pode pôr o dedo na ferida — “não a ferida alheia, mas aquela que ela traz no peito” (CONCEIÇÃO, 2020, p. 63).

Aposto na escrevivência como metodologia aterrada e processo de feitura existencial, sabedoria de fresta e modo “de investigação, de produção de conhecimento e de posicionalidade implicada”, que permite a “exposição de fissuras, brechas, vazios e o impensável” (SOARES; MACHADO, 2017, pp. 206–208). Essa abordagem pode sofrer preconceitos e desconfiças no ambiente acadêmico, por ser distinta das metodologias tradicionais, que por sua rigidez, se dissolvem (FANON, 2008) e não dão conta das performances, saberes e seres paridos na fronteira.

Os jovens do PPJ pertencem justamente ao grupo social subjugado militar e economicamente, desumanizado segundo um método polidimensional (FANON, 2018); ou seja, fazem parte do grupo da negritude. De acordo com informações disponíveis na plataforma Data Rio¹ sobre o perfil da juventude carioca, os jovens se autodeclararam pretos (38,4%) ou pardos (34,7%). Sessenta e quatro por cento possuem renda de até um salário mínimo, e a maior parte da juventude (60%) está na faixa etária entre 18 e 29 anos. Além disso, 69,7% dos jovens cariocas residem em favelas.

Desenvolvimento

Desde a minha entrada no PPJ, o projeto passou a contar com pedagogas e psicólogas, além dos tutores — professores responsáveis por orientar os projetos criados pelos jovens com base em trilhas temáticas. Desde então, acompanho, a cada ciclo de seis meses, entre 100 e 120 jovens pertencentes a comunidades da região da AP4, conhecidas como “núcleos”. Nessa jornada como psicóloga, conheci moradores e jovens de diferentes favelas de Jacarepaguá: Cidade de Deus, Taquara (comunidade Nova Aurora), Vargem Pequena (comunidades César

¹ DATA.RIO (2022). **Perfil da Juventude Carioca**. Disponível em: <<https://www.data.rio/documents/05a0aa3f85ae40b1a4869ed3af25b320/explore>>

Maia e Coroado), Praça Seca (comunidade Bateau Mouche) e Tanque (comunidade do Covanca).

Uma dessas vivências aconteceu em um encontro de núcleos — o *Intercâmbio de Saberes* — cujo tema foi “Comunidade e Convívio Social”. Nesse evento, os jovens dos núcleos da Cidade de Deus lembraram o assassinato de Thiago Menezes Flausino, jovem negro de 13 anos, morador da comunidade, executado pela Polícia Militar (que posteriormente alterou as imagens da câmera no dia do ocorrido). Os jovens, amigos e testemunhas, afirmam que Thiago estava na garupa de uma moto quando foi alvejado. Também relataram vivências de preconceito e estigmatização, sendo frequentemente apontados como bandidos, criminosos e vagabundos — como descrito no mito do negro, conceito cunhado por Neusa Santos Souza (1983). Uma das jovens da Cidade de Deus afirmou, com tristeza e dor: “a morte de Thiago foi uma injustiça”. Foi difícil ouvir essa dor. Afinal, é “duro esquecer e aceitar que, num minuto, a vida, o rio, havia levado tudo de roldão” (EVARISTO, 2020, p. 49).

Para facilitar a troca de experiências entre os núcleos, propusemos a pergunta: “Como é viver em comunidade?”. Cada grupo poderia escolher ao menos três palavras entre as sugeridas: afeto, pacto, família, amor, segurança, solidariedade, aliança, dificuldade, religião, vizinhança, solidão, parceria, pracinha, desigualdade, luta, violência, justiça, fechamento, amizade, exclusão, preconceito, fortalecimento e rua. Essas palavras serviriam como guia para as falas — não como limite. Não foram apenas os jovens da Cidade de Deus que expressaram dor e indignação diante da violência do Estado. Os jovens do Gardênia Azul, grupo *Favela no Topo*, afirmaram: “fazemos manifestações para comprovar que as vítimas eram inocentes”. Concluíram que, “se a raiz do problema não for resolvida, o problema não vai ser resolvido”. Esse processo de recordar e narrar tece significações e reflexões sobre identidade, corporeidade e história (SANTOS, 2015). A consciência se dá pela organização coletiva de suas realidades — “pessoas diferentes que querem alcançar um objetivo comum, pois a gente luta não é só por nós”. Isso é Ubuntu e Bisoidade (MALOMALO, 2018).

O “comum”, como apontado por eles, é o elemento mágico e espiritual que dá sentido à comunidade: “Em um relacionamento existe uma tendência natural de os espíritos de ambas as pessoas se unirem. Quando dois espíritos conseguem, de fato, comungar profundamente, sem interferência da mente, as pessoas formam uma ligação forte, sincera e amorosa” (SOMÉ, 2003, p. 30). Outro momento significativo de amor como fundamento das ações dos jovens da Cidade de Deus foi o encontro com os pais de Thiago, no dia 12 de dezembro de 2023 — um gesto de apoio e solidariedade no luto.

Esse tipo de encontro em meio ao luto, para o povo Dagara, é uma forma de conexão entre os vivos e os ancestrais. Seu ritual “pode ajudar a pessoa a soltar a raiva e a tristeza com a morte de um parente e levar seu espírito à terra dos ancestrais, onde poderá ser útil para nós. Alimentando nossos ancestrais regularmente, podemos renovar nossos laços com eles” (SOMÉ, 2003, p. 29). Quando os pais de Thiago chegaram, os jovens estavam receosos de conversar sobre a violência vivida — luto com luta. Toquei essas dores com acolhimento e ajudei nesse movimento. Iniciei a roda de conversa me apresentando, agradecendo a presença dos pais e contextualizando a importância da história de Thiago para o núcleo. Dei espaço para que falassem livremente. Eles relataram a cena segundo testemunhas, denunciaram o papel da Polícia Militar na criminalização do jovem e as tentativas de distorcer a narrativa — inclusive

com ajudas mal-intencionadas com interesses midiáticos. Por outro lado, contaram também sobre o amor recebido das Mães de Manguinhos e de muitos amigos e familiares da Cidade de Deus.

Os jovens também lembraram o caso de uma moradora da CDD acusada injustamente de roubo, apenas por ter uma televisão nova em casa — precisando apresentar a nota fiscal à polícia. Narrativas como essas mostram que, através da oralidade, a memória se faz presente pela relação com o olhar — janela do conhecimento. A memória está no corpo, canal de conexão e espiritualidade, e ultrapassa a letra escrita (MARTINS, 2003). Para Santos (2015), a memória imaterial compõe nossa identidade e é essencial à ancestralidade afro-brasileira. O compartilhamento oral entre gerações é mais do que transmissão de saber: é reflexão sobre a existência, permitindo conexões inéditas entre a história e o corpo, também no coletivo.

Considerações finais

O sentido de coletivo motivou os jovens a pedirem o encontro com os pais de Thiago e lembrar outros casos — uma prática ubuntuísta, bisoísta ou macumbista. Compartilharam também experiências de amor — uma espiritualidade que une os indivíduos. Um outro grupo da Cidade de Deus, no mesmo Intercâmbio de Saberes, a partir das palavras “aliança” e “pacto”, afirmou que a aliança é feita com união, e o pacto, com compromisso comunitário rumo a um objetivo comum, tendo como ideal a liberdade.

Acredito que o acolhimento oferecido pelos jovens aos pais de Thiago também foi um ritual de cura para o luto deles próprios — um abraço coletivo diante da brutalidade. Na favela, o rio leva tudo de roldão, inclusive a vida (EVARISTO, 2020) de Thiago. Por isso, os jovens desejaram estar com sua família nesse momento de dor — gesto de amor e espiritualidade do povo negro, como entre os Dagara, levando acolhimento e agradecimento. Os pais de Thiago retribuíram o amor recebido com sorrisos e lágrimas.

Referências Bibliográficas

- EVARISTO, Conceição. *Becos da Memória*. Rio de Janeiro, 3ª ed., 5ª reimpressão, 2020.
- FANON, Frantz. *Peles negras, máscaras brancas*. Salvador: EDUFBA, 2008.
- _____. Racismo e Cultura. *Revista Convergência Crítica*. Dossiê: Questão Ambiental na atualidade, n. 13, 2018.
- FELISBERTO, Fernanda. Escrivência como rota de escrita acadêmica. In: *Escrivência: a escrita de nós: reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo* - 1. ed. -- Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.
- MALOMALO, Bas'Ilele. Epistemologia do Ntu: Ubuntu, bisoidade, macumba, batuque e “X” africana. In: *História e Cultura Afrodescendente*. Ebook 8, Coleção África Brasil, p. 561-574, 2018.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, n. 26 - Língua e Literatura: Limites e Fronteiras, p. 63-80, 2003.
- PERES, Karoline Baptista. *Memórias e vivências na encruzilhada: da trajetória de intolerância religiosa ao encontro com candomblecistas*. PPGPS-UERJ, 2022.
- SANTOS, Inaicyrá Falcão dos. Corpo e ancestralidade: uma configuração estética afro-brasileira. *Repertório*, Salvador, n. 24, p. 79-85, 2015.

SOARES, Lissandra Vieira; MACHADO, Paula Sandrine. Escrevivências como ferramenta metodológica na produção de conhecimento em Psicologia Social. *Rev. psicol. polít.*, vol.17, n.39, São Paulo, maio/ago, 2017.

SOMÉ, Sobonfu. *O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre maneiras de se relacionar*. Odysseus, 146p., 2003.

SOUZA, Neusa Santos. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro: Graal, 1983.